



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**LETÍCIA DA SILVA COSTA
MARIANA FERNANDES DA SILVA**

**EBOOK “QUEM FAZ A FEIRA: UM PASSEIO POR HISTÓRIAS DOS
COMERCIANTES DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB”**

**CAMPINA GRANDE
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**LETÍCIA DA SILVA COSTA
MARIANA FERNANDES DA SILVA**

RELATÓRIO TÉCNICO E CIENTÍFICO DE PRODUTO MIDIÁTICO

**EBOOK “QUEM FAZ A FEIRA: UM PASSEIO POR HISTÓRIAS DOS
COMERCIANTES DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB”**

Relatório de produto midiático apresentado ao Curso de Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Orientador:

Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Costa, Leticia da Silva.

Ebook Quem Faz a Feira: um passeio por histórias dos comerciantes da Feira Central de Campina Grande - PB [manuscrito] / Leticia da Silva Costa, Mariana Fernandes da Silva. - 2024.

41 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Mélo, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Jornalismo literário. 2. Livro-reportagem. 3. Feira Central de Campina Grande. I. Título

21. ed. CDD 070.4

LETICIA DA SILVA COSTA

EBOOK QUEM FAZ A FEIRA: UM PASSEIO POR HISTÓRIAS DOS
COMERCIANTES DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE - PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 18/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Elane Gomes da Silva** (***.093.424-**), em 27/11/2024 09:52:37 com chave 7ae48500acbe11ef87371a1c3150b54b.
- **Ada Kesea Guedes Bezerra** (***.398.594-**), em 27/11/2024 09:47:27 com chave c1daae9aacbd11ef830706adb0a3afce.
- **Rostand de Albuquerque Mélo** (***.760.324-**), em 27/11/2024 09:46:36 com chave a356735aacbd11ef830706adb0a3afce.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 24/07/2025

Código de Autenticação: 78904a



MARIANA FERNANDES DA SILVA

EBOOK QUEM FAZ A FEIRA: UM PASSEIO POR HISTÓRIAS DOS
COMERCIANTES DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE - PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 18/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Elane Gomes da Silva** (***.093.424-**), em 27/11/2024 09:52:23 com chave 725b6750acbe11ef81721a1c3150b54b.
- **Ada Kesea Guedes Bezerra** (***.398.594-**), em 27/11/2024 09:47:15 com chave baa54176acbd11ef830706adb0a3afce.
- **Rostand de Albuquerque Mélo** (***.760.324-**), em 27/11/2024 09:46:42 com chave a7078a48acbd11ef98e806adb0a3afce.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 25/02/2025

Código de Autenticação: e71b7f



Aos nossos pais pelo apoio incondicional, e a todos os
feirantes que tornaram esse ebook possível,
DEDICAMOS.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. A Deus em primeiro lugar, por sua perceptível (embora invisível) presença e por sua ação em todos os momentos da minha vida.

Agradeço, especialmente, ao professor Rostand, cuja orientação foi fundamental no processo de produção deste trabalho e que, além disso, esteve comigo em diversos momentos da minha trajetória acadêmica na UEPB.

As professoras Ada Guedes e Elane Gomes, nosso muito obrigado por aceitarem participar da nossa banca.

Sou imensamente grata à professora Suellen Rodrigues, que, desde o primeiro período do curso, nos introduziu ao fascinante universo do jornalismo humanizado e etnográfico. A todos os incríveis professores que tive a honra de aprender, meu sincero agradecimento por me ensinarem não apenas a ser uma profissional ética e responsável.

A professora Rackel Cardoso, que nos apoiou no início do processo de produção, quando ainda estávamos apenas esboçando a temática, minha gratidão. Muito obrigada, que você tenha muito sucesso em sua trajetória!

Meu agradecimento especial à minha companheira, Mariana, pela parceria não apenas neste projeto, mas em tantos outros ao longo desses quatro anos na UEPB. Desde o início do curso até o fim dele, seguimos juntas, trabalhando, nos divertindo, crescendo e apoiando uma à outra. Guardarei com carinho muitos dos momentos que vivemos, como lembranças de uma época verdadeiramente feliz.

Minha imensa gratidão aos feirantes que entrevistamos e que nos receberam de braços abertos na Feira Central. Vocês foram essenciais para que este trabalho se concretizasse. Judite, Wagner, Sônia, Elisabeth, Paulo Renan e Nenê, vocês iluminaram minha mente e me ajudaram a enxergar a imensidão de belezas presentes na feira. Obrigada por me fazerem querer estar lá todos os sábados.

Aos meus artistas favoritos, BTS, agradeço por me proporcionar força e conforto através de suas letras. Obrigada por me incentivarem a não desistir dos meus sonhos. Continuarei correndo em busca deles, graças a vocês.

Aos meus amigos, minha eterna gratidão por caminharem ao meu lado e tornarem minha vida mais leve. Alice, Barbara, Emilly, Ernandes, Rayana e Samantha são nomes que sempre me farão sorrir.

A toda a minha família, meu profundo agradecimento pelo apoio e preocupação constante, especialmente à minha avó Cristina, que liga para minha mãe apenas para saber como estamos.

Aos meus irmãos, Pablo e Júnior, que me conhecem mais do que ninguém e que estão ao meu lado tanto nas risadas quanto nas lágrimas, obrigada por serem exatamente quem vocês são.

Por último e mais importante, meu muito obrigado aos meus pais. Sei que vocês iriam até o infinito por mim, é uma honra ser filha de vocês. Mainha e painho, agradeço por estarem sempre presentes em minha vida e por todas as renúncias que fizeram para apoiar a mim e meus irmãos ao longo dos anos. Este trabalho é, sem dúvida, também fruto do esforço de vocês. Obrigada por sempre me incentivarem em tudo que me proponho a fazer. Se hoje posso dizer que me orgulho de quem sou, é porque sigo me inspirando em vocês.

LETÍCIA DA SILVA COSTA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por seu imenso amor por mim e por ter me guiado até aqui, sem sua presença, nada seria possível. Agradeço também a minha Nossa Senhora de Fátima, que acalmou meu coração nos momentos de dúvida, ansiedade e angústia. No fim, cada incerteza teve sua resposta e cada oração foi atendida.

Dedico este trabalho à minha avó, Terezinha (in memoriam), que sempre acreditou em mim, me incentivando diariamente a seguir meus sonhos. Mesmo cansada, só conseguia dormir quando eu chegava da universidade. Sem seu imenso amor, cuidado e apoio, não teria conseguido. Hoje, ela mora no céu e continua a me proteger de lá.

Agradeço aos meus pais, em especial à minha mãe, Josélia, que sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida até aqui, sempre me incentivando e me dando “asas” para voar. Nos momentos de dúvidas e incertezas, seu incentivo foi fundamental para que eu não desistisse, sendo minha inspiração diária. Este trabalho é, em parte, fruto do esforço e carinho que sempre recebi.

Ao meu irmão, Marlon, que mesmo com suas palhaçadas é essencial na minha vida. A minha pequena Maria Yris, que incansáveis dias e noite me acompanhou até o ponto de ônibus com minha mãe, sempre com um sorriso no rosto.

Ao meu namorado, Thalles, que nunca hesitou em me dizer “não” e esteve ao meu lado em todo processo de produção, me auxiliando e encorajando em cada “vai dar certo”.

Ao professor Rostand Melo, que topou ser nosso orientador e embarcou nesse projeto junto conosco. Agradeço por cada palavra e ensinamento, por aguentar minha ansiedade e por ser essencial para mim nessa jornada enquanto estudante.

Agradeço às professoras Ada Guedes e Elane Gomes por ter sido tão necessárias durante todo o decorrer do curso, que além de professoras, são exemplos de ser humano. Obrigada pelo amor que dedicam aos alunos e pelo dom de ensinar, vocês são mais que especiais. Grata por aceitarem o convite e fazerem parte da nossa banca.

Gostaria de expressar minha gratidão à professora Rackel Cardoso, que iniciou esse projeto junto conosco quando ainda estávamos discutindo a temática e viu seus primeiros rascunhos, meu muito obrigada. Sou grata por todos os ensinamentos, não apenas como professora, mas como amiga dos alunos. Um agradecimento especial também a todos os professores do curso, cuja contribuição foi necessária para chegarmos até aqui.

Um agradecimento especial à minha companheira, Letícia, que esteve ao meu lado desde o primeiro período e foi fundamental nessa jornada. Através de cada palavra, risada, choro e ensinamento, nunca me deixou desistir, mesmo diante das adversidades. Sempre tive seu ombro amigo me acalmando e me auxiliando a me tornar uma pessoa melhor. Sou grata a Deus pela sua amizade e companheirismo.

Agradeço aos meus amigos, especialmente os que fiz durante o curso, Luana, Érica, Claudiane e Pedro Henrique, vocês tornaram minha caminhada mais leve e divertida. Cada conversa, atividade e saída para lancha foram momentos que fizeram toda a diferença e guardo no meu coração.

Não posso deixar de expressar minha gratidão à minha família, que sempre esteve ao meu lado, me motivando e me dando forças para continuar.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a cada feirante, em especial a Judite, Wagner, Sônia, Elisabeth, Paulo Renan e Nenê, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Obrigada por cada conversa e risada, vocês me fizeram entender a imersão da Feira Central para a cidade de Campina Grande, além do que meus olhos já enxergavam.

MARIANA FERNANDES DA SILVA

Museu vivo da cultura
Retratando o popular
A feira com seus costumes
De tradição milenar
Edificou-se no tempo
Sem prazo pra terminar
(Breckenfeld, Wergniaud. 2023)

RESUMO

O presente relatório técnico tem como objetivo contar e mostrar as histórias de superação e vivências que a Feira Central de Campina Grande - PB proporciona, apresentando o processo de produção de um Livro-Reportagem intitulado “*Quem Faz A Feira: Um Passeio por Histórias dos Comerciantes da Feira Central de Campina Grande - PB*”, um produto midiático para o trabalho de conclusão de curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O processo de produção aconteceu entre março e outubro de 2024 e envolveu diversas etapas: planejamento, apuração, seleção dos personagens, entrevistas, redação, diagramação e edição. Por meio de uma série de seis reportagens, mergulhamos sobre a região da feira, tida como patrimônio cultural e imaterial do Brasil, enfatizando sua cultura e a variedade de diferentes setores. Visamos observar as rotinas e práticas de venda dos feirantes. Como resultado final, apresentamos um ebook livro em formato Kindle com 49 páginas.

Palavras-Chave: Jornalismo literário. Livro-reportagem. Feira Central de Campina Grande.

ABSTRACT

This technical report aims to share and showcase stories of resilience and experiences provided by the Feira Central of Campina Grande (PB) provides, an examination of the steps involved in creating a Reportage-Book called "Who Makes the Fair: A Journey Through the Stories of the Merchants of the Central Fair of Campina Grande - PB" , was produced as a media project for the journalism graduation requirement at the State University of Paraíba (UEPB). The production process took place between March to October 2024, and included several phases: planning, investigation, character selection, interviews, writing, layout design and editing. Through a series of six reports, we delve into in the fairs, recognized as cultural and intangible heritage of Brazil, highlighting its unique culture and diverse sectors. Our goal was to observe the routines and sales practices of the vendors. The final result, we present an ebook in Kindle format with 49 pages.

Keywords: Literary journalism. Reportage book; Feira Central of Campina Grande.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	FORMATO	15
1.2	JUSTIFICATIVA	16
2	JORNALISMO HUMANIZADO: ENTRE A REPORTAGEM E A LITERATURA	19
2.1	NARRATIVA	21
2.2	FONTES	22
2.3	ENTREVISTAS	23
3	PROCESSO DE PRODUÇÃO	24
3.1	TEXTO, ESCRITA E EDIÇÃO	27
3.2	FOTOGRAFIA	27
3.1	FINALIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO	28
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS: DIFICULDADES E APRENDIZADOS	29
	REFERÊNCIAS	30
	APÊNDICES	33
	ANEXOS	41

1 INTRODUÇÃO

A Feira Central de Campina Grande, ao longo dos anos tornou-se ponto de encontro entre feirantes, comerciantes e turistas, por sua vasta gama de produtos. Além disso, é um ponto comercial que se reinventa a todo momento, conforme as atualizações locais. De acordo com Sá (1986 apud Costa, 2003, p. 19):

A importância posteriormente adquirida por Campina Grande deve-se principalmente a sua posição geográfica entre as regiões de pastoreio (Sertão e Cariri) e as regiões agrícolas do Brejo e Zona da Mata. Numa época em que os transportes eram rudimentares, realizados em lombo de burros e de uma mercadoria que se autotransportava, o gado, a posição geográfica era de muita importância.

Côrrea (apud Costa, 2003, p. 43) mostra que a cidade de Campina Grande teve profundas transformações urbanas realizadas em torno do Açude Velho, especialmente pelo crescimento ocorrido no início do século XX, devido à cultura do algodão, foram as feiras que representaram a principal atividade econômica da localidade.

Berço histórico da cidade de Campina Grande, a Feira Central ao longo dos anos se insere no cotidiano dos habitantes da cidade e interliga conexões com cidades vizinhas. A feira está inserida nas raízes de diversos campinenses atualmente, é um marco de representação cultural, social e econômica para a cidade. Os Registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a Feira Central foi considerada “a maior feira ao ar livre do Brasil nos anos de 70. Se tornou conhecida nacionalmente por conta da sua diversidade e amplitude e, atualmente, é uma das maiores do Nordeste”¹. Ainda neste sentindo:

A Feira Central era ponto de encontro para viajantes que passavam por Campina Grande, ela se tornou morada para o comércio, residência para os que agradava e deixou sentido de saudade para os que iam, mas garantiam a volta. O lugar virou fonte de inspiração por meio da Literatura Popular, ganhou destaque e espaço entre os versos de cordelistas” (Régis, 2023, p. 8).

A relação que a cidade tem com o espaço da feira remete ao desenvolvimento da economia local e região. Percebemos a feira de Campina Grande como um fator impulsionador e gerador de empregos, por seu modelo empregador flexível ao proporcionar oportunidades de ocupações formais e informais. Assim, a feira se apresenta como um espaço de reinvenção, criatividade e sustento de muitas famílias (Freire, 2019).

¹ Cf. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=442984&view=detalhes>. Acesso em: 4 nov. 2024.

No ano de 2017, a Feira Central de Campina Grande foi reconhecida como patrimônio histórico cultural e imaterial brasileiro, pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), de forma unânime pelos 23 conselheiros, que compõem o Conselho Consultivo do patrimônio cultural, durante a 87ª Reunião².

A Feira Central é única em Campina Grande, por mais que existam outras feiras, nenhuma se compara a ela. Mesmo após tanto tempo, continua basicamente a mesma, com pequenas alterações na relação de pagamentos, como cartão de crédito/débito, sem diminuir seu espaço e sua importância. Tudo que se procura, encontra. O lugar dita modas, costumes, hábitos e tradições, possui uma diversidade imensa desde os feirantes até a comercialização. A feira não é apenas um local de compras e vendas, vai além disso:

Como artes de fazer [...], as práticas cotidianas que configuram a feira-livre narram muito mais do que simples relações econômicas ou de comércio formal no interior da cidade. Todo o aparato necessário à montagem da feira-livre — com suas bancas, lonas, alimentos, balanças, caminhões etc. — bem como as formas de interação entre fregueses e feirantes: as inúmeras conversas ao pé da banca entre estes personagens, o vai e vem incessante de carrinhos e sacolas pelos corredores lotados, as negociações, as amizades, as receitas trocadas entre fregueses, suas lembranças da feira e das artes de nutrir [...], as jocosidades e performances orais, todos estes aspectos evocam a densidade das relações e das trocas que constituem este fenômeno (Vedana, 2008, p. 18).

A feira das feiras, como também é conhecida, está presente nas origens de muitos campinenses. Ao ouvir sobre a feira, são lançados em memórias de infância em que “é dia de fazer feira” se referia a um dia movimentado, com cheiros de temperos, o famoso pastel da feira, aromas de diversas flores e especialmente várias risadas, momentos em que as cores e diversidade se fazem presentes. No final do dia, voltando para casa com várias memórias, alegria e sacolas, são recordações originadas da riqueza cultural que o local possui e que, sendo comerciante ou não, certamente os únicos a entenderem são pessoas que já vivenciaram ou vivenciam o cotidiano da feira. A exemplo temos a música de Onildo Almeida de 1957, popularizada na voz de Luiz Gonzaga, “A Feira de Caruaru³”, retrata as feiras livres, desde a paisagem, pessoas, comidas regionais, artesanato e a expressão de cada verso do que existe nas feiras. Destaca uma análise de Nora (1993, p. 22):

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente

² Cf. FEIRA de Campina Grande (PB) recebe título de Patrimônio Cultural do Brasil. **Portal Iphan**, 11 jun. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4689/feira-de-campina-grande-pb-recebe-titulo-de-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 4 nov. 2024.

³ Cf. <https://discografiabrasileira.com.br/fonograma/98926/a-feira-de-caruaru>. Acesso em: 4 nov. 2024.

oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração.

Se confirma a cada dia o valor que a feira possui no contexto cultural da cidade, caracterizada por interações sociais frequentes com órgãos governamentais, universidades locais e o Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP)⁴ que em 2022 recebeu a exposição “A feira de Campina Grande: poéticas e imaginários”. Além disso, em 2023, na 36ª edição do Salão do Artesanato Paraibano⁵, em Campina Grande, o tema do evento foi “Tudo Vira Arte na Feira de Campina” em homenagem à Feira Central da Rainha da Borborema, incluindo atrações musicais, quadrilhas juninas e grupos folclóricos. É inegável a notoriedade que a feira mantém como palco cultural da cidade de Campina Grande.

1.1 FORMATO

Este trabalho de conclusão de curso consiste em um livro-reportagem em formato de ebook pelo programa Kindle, dividido em seis capítulos que contêm reportagens-perfis sobre a história de vida de alguns comerciantes da Feira Central de Campina Grande. O planejamento iniciou em março de 2024 e o processo totalizou aproximadamente nove meses, abrangendo a busca por personagens, visitas à feira e a escrita do conteúdo. O projeto foi concluído em novembro de 2024.

Os capítulos contam histórias diferentes e também similares dos feirantes. Iniciamos com uma breve introdução falando sobre o nascimento da feira até os dias atuais. Logo depois, temos uma sequência de seis perfis jornalísticos, trazendo as histórias de personagens característicos da feira: Judite, Wagner, Sônia, Elisabeth, Paulo Renan e Dona Nenê, tal como a relação de vida e a feira que se conectam.

Os textos foram predominantemente elaborados em terceira pessoa, como também em primeira pessoa para aumentar a dinamicidade. Ao usar a terceira pessoa, proporcionamos uma visão mais objetiva, capturando diversas experiências. Já a primeira pessoa estabelece uma conexão mais pessoal e íntima com o leitor, permitindo que ele se identifique mais com

⁴ Cf. COUTO, B. Obra de Niemeyer, ‘Museu dos Três Pandeiros’ completa 10 anos de inauguração. **Portal G1**, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/12/13/obra-de-niemeyer-museu-dos-tres-pandeiros-completa-10-anos-de-inauguracao.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 2024.

⁵ Cf. SALÃO do Artesanato homenageia Feira Central de Campina Grande e começa nesta quinta-feira (8). **Portal G1**, 8 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2023/noticia/2023/06/08/salao-do-artesanato-homenageia-feira-central-de-campina-grande-e-comeca-nesta-quinta-feira-8.ghtml>. Acesso em: 4 nov. 2024.

as emoções e reflexões do narrador. Essa combinação enriquece a narrativa e a torna mais envolvente.

1.2 JUSTIFICATIVA

Após compreender a relevância da Feira Central sobre a história econômica, social e cultural da cidade e localidades vizinhas, se torna pertinente contar as histórias das pessoas que tornam os sabores, aromas e cores presentes naquele local, que carregam diversas referências da identidade nordestina. Através do desenvolvimento de um livro-reportagem digital, como suporte que possibilita a criação de uma série de reportagens autorais, para a narração e apresentação de fatos/histórias não contados, tendo o intuito de dar maior visibilidade a esta manifestação cultural que acontece em nossa terra.

O contato com o jornalismo humanizado e etnográfico começou no primeiro período do curso, em 2019, durante uma palestra no auditório sobre o projeto de extensão Alumiá: vivências sociais com o jornalismo etnográfico⁶, desenvolvido na época no curso de Jornalismo da UEPB, sob a coordenação das professoras Ada Kesea Guedes Bezerra e Suéllen Rodrigues Ramos. Esse projeto tinha como objetivo despertar um olhar crítico e sensível em relação a grupos considerados “ignorados socialmente”. A análise discutida no projeto nos incentivou a entender as realidades dessas comunidades de maneira mais profunda. Isso enriqueceu nossa formação, pessoal e profissional, bem como a relevância de dar voz às pessoas que muitas vezes são silenciadas na narrativa jornalística convencional e não são inseridas nas pautas. Então, ao ler aquelas histórias, como foi produzida a narrativa, sentimos uma conexão com o jornalismo humanizado. O interesse em contar histórias de pessoas reais, o dia-a-dia, sem pressa, sem medo de não ser publicado ou a pauta cair, realmente nos encontramos nessa forma diferenciada de fazer jornalismo.

O que nos motivou a escrever um livro-reportagem para o trabalho de conclusão de curso foi justamente a liberdade da escrita, com a possibilidade de não deixar nenhum detalhe de fora. Explorar a trajetória de vida do personagem, o cenário, as emoções vividas e, principalmente, mostrar que por trás do trabalho existe uma pessoa, conectando-se profundamente com as histórias, criando uma experiência mais rica e imersiva. Optamos pela narrativa em profundidade, em oposição à superficialidade característica da cobertura factual, predominante no jornalismo comercial diário:

⁶ Cf. SOBRE, **Portal Alumiá**. Disponível em: <https://alumiá.home.blog/sobre/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

Na literatura, o conto apresenta uma centelha, um momento, uma fatia temporal da existência de um personagem. No jornalismo — tanto no chamado livro-reportagem, quanto no jornal diário — a reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia (Sodré, Ferrari, 1986, p. 75).

Com base nisso, buscamos um tema onde pudéssemos nos conectar com as pessoas, não apenas informando ou buscando informações, mas provocando reflexão e empatia ao leitor. Incentivada por muitas obras que o local possui, figuras ilustres e por ser um local cultural da cidade, decidimos escrever sobre a Feira Central de Campina Grande. A exemplo disso, temos a dramaturga Lourdes Ramalho, que foi reconhecida na cultura nordestina, a qual uma das suas principais obras é “A Feira”, encenada teatralmente em diversas partes do mundo. Além de retratar a realidade do cotidiano, valoriza as histórias e as vozes que muitas das vezes são esquecidas.

Para se tornar mais “atrativo” e criar mais proximidade entre o jornalismo e o leitor, alguns profissionais optaram por escrever fatos e pautas jornalísticas de maneiras mais detalhistas, reflexivas e poéticas. Este formato textual foi denominado, por autores como Lima (2009), de jornalismo literário. Um dos aspectos do jornalismo literário é o livro-reportagem, que possui o objetivo de fornecer informações sobre um determinado assunto de maneira diferente daquela adotada predominantemente pela mídia jornalística tradicional.

De acordo com Lima, o livro-reportagem refere-se a um veículo de comunicação impresso, que não apresenta periodicidade, possui um papel relevante e preenche vazios deixados pelo jornalismo convencional. Além disso, o livro-reportagem possui um grau de amplitude superior ao tratamento frequente dos meios de comunicação padrão:

Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado — quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos —, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (Lima, 2006, p. 26).

Lima compreende que o livro-reportagem se sobressai sobre as outras obras classificadas como livro devido a três aspectos fundamentais:

- O conteúdo: É relevante, já que o objeto de escrita do livro-reportagem é baseado em fatos, sendo a função jornalística abordar eventos verídicos.
- O tratamento: Se refere ao processo de edição do texto que deve contemplar as particularidades específicas da linguagem jornalística.

- A função: O livro-reportagem pode ser utilizado para diversas finalidades típicas do jornalismo, visando fornecer informações. Com base nisso, o livro-reportagem pode desenvolver sua narrativa diversificada, partindo de uma perspectiva única sobre um acontecimento, empregando uma abordagem multiangular ou praticando jornalismo investigativo.

Tendo em vista esses apontamentos, foi realizada a escolha de desenvolver o ebook para discorrer sobre a Feira Central. Passeando por histórias das pessoas que ali trabalham dia após dia e, além disso, trazendo questões do cotidiano desta região da cidade e mostrando como esta manifestação cultural da região permanece viva. O livro foi construído com caráter não ficcional, a partir de uma linguagem clara e objetiva, tendo o intuito de informar e explicar as histórias de vida e do cotidiano dos comerciantes do principal mercado livre da cidade.

Seguindo as propostas de classificação de livros-reportagem existentes, Edvaldo Lima propõe um critério com base em dois fatores relacionados entre si: o objetivo particular, específico que o livro desempenha, sua função de informar e orientar com profundidade, e a natureza do tema de que trata a obra. A partir disso, o autor classifica 13 grupos de livros-reportagem.

Seguindo as classificações de Lima, o livro se enquadra na categoria de livro reportagem-perfil. Para evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou, neste caso, um personagem anônimo, que por determinado motivo, torna-se interessante:

No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo caso, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (Lima, 2009, p. 51).

Ademais, o livro também pode se enquadrar na classificação de livro-reportagem-viagem, ao retratar diversos aspectos das possíveis realidades do local. “Apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local” (Lima, 2009, p. 58).

Além disso, a obra também traz em sua narrativa elementos que se relacionam à categoria de livro reportagem-retrato, tendo o propósito de pôr em foco, não apenas uma figura humana, mas sim uma região geográfica para construir a narrativa, a partir de acontecimentos que ocorrem neste local. “Visa elucidar, sobre tudo, seus mecanismos de

funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo, explicativo” (Lima, 2009, p. 53).

2 JORNALISMO HUMANIZADO: ENTRE A REPORTAGEM E A LITERATURA

O jornalismo literário ou *new journalism* surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 1960, década que se caracteriza pela rebeldia dos jovens. Época dos ícones da música *Beatles* e *The Rolling Stones*, no mundo da moda tivemos a criação da atemporal minissaia. Na área da comunicação, uma revolução também acontecia, o surgimento do jornalismo literário.

Do encontro entre o livro e o jornal, nasce o livro-reportagem: um complexo entre o editorial e o jornalístico. O termo livro-reportagem refere-se a um estilo que ganhou destaque no mercado editorial brasileiro, desempenhando um papel significativo na formação da opinião pública e na evolução do jornalismo. O livro-reportagem não apenas recorre das técnicas de reportar o factual, mas também está inserido no sistema editorial como narrativa de não ficção. Para Edvaldo Lima, as características que regem este modelo jornalístico e editorial não factual, publicado frequentemente por jornalistas que ocupam a posição de escritor. Para Lima (2009, p. 28) esta modalidade possui “particularidades específicas a linguagem jornalísticas, facilmente identificáveis na linguagem que veicula, mas [que] naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento”.

A reportagem visa fornecer informações detalhadas sobre determinados assuntos ou acontecimentos. Pode ser escrita (em jornais), ou oral (em blogs e telejornais), sendo um texto mais longo que também aborda temas relevantes da sociedade. Para Ricardo Kotscho a forma de fazer reportagem é saber também de que lado o jornalista está:

Pode-se fazer uma reportagem de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, desde que essa pessoa seja honesta, tenha caráter, princípios. Não, não estou falando da tal “objetividade jornalística”, da “neutralidade” do repórter, essas bobagens que inventaram para domesticar os profissionais que não se dobram aos poderosos de plantão, porque têm um compromisso maior com seu tempo e sua gente. Esse compromisso é que tem de nortear sempre o nosso trabalho — o resto a gente vai aprendendo com o tempo. O leitor tem o direito de saber o que pensa, de que lado está aquele que lhe escreve — é uma informação a mais para que ele possa tirar suas próprias conclusões (Kotscho, 2000, p. 8).

O jornalismo literário transmite não apenas uma notícia, mas sim uma história, capturando a atenção do leitor de maneira mais profunda. Sendo acompanhado por adjetivos, personagens, enredos, um histórico do assunto e contextualização, elementos que muitas

vezes não têm espaço nas reportagens do cotidiano. Esse estilo de informar possui características que o tornam, sem exagero, diferente de outras formas de veiculação de notícias impressas.

Livros são geralmente associados a uma realidade fantasiosa, um mundo inanimado, existente apenas na nossa imaginação, que ganham vida a partir do ato consciente de ler. Já os jornais são ligados a acontecimentos reais, um mundo que existe e se desenrola independentemente da nossa vontade. As duas modalidades estão presentes em nosso cotidiano, fontes valiosas de conhecimento e cultura, além de contribuírem para o desenvolvimento do senso crítico, do vocabulário e da escrita

Retrospectivamente, o advento do New Journalism revela uma admirável consonância com o espírito transgressor da década de 1960. De fato, é compreensível e, ao mesmo tempo revelador situar seu desabrochar no início de um período de profunda transgressão de valores, quando já se ouviam os primeiros hits — dos Beatles, dos Rolling Stones, de Bob Dylan — que embalariam um período fascinantemente movimentado, marcado por profundas transgressões comportamentais (Bulhões, 2007, p. 146).

Autores como, Truman Capote, Gay Talese, Tom Wolfe e Hunter S. Thompson incluíram técnicas literárias à reportagem. Em obras como “The Electric Kool-Aid Acid Test”, Wolfe utilizou uma linguagem experimental para retratar a cultura dos anos 1960. O autor de “A Sangue Frio” uniu reportagem e narrativa literária para narrar a história de um crime real.

No Brasil, em “Os Sertões” (1902), Euclides da Cunha utilizou uma abordagem literária para descrever a Guerra de Canudos, combinando conceitos de sociologia, história e literatura. Graciliano Ramos, por meio de suas crônicas, também explora essa conexão entre literatura e jornalismo.

Em algumas situações o lead, composto por “O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?” está cada vez mais abandonado, dando lugar à subjetividade. Dessa forma, o jornalismo literário se destaca por produzir reportagens bem escritas e com um forte viés social, nas quais o leitor sintá-se verdadeiramente envolvido.

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (Pena, 2008, p. 13).

Para Pena (2008), o primeiro aspecto, “potencializar os recursos do jornalismo”, pode desenvolver novas abordagens profissionais. Na segunda argumentação apresentada,

“ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”, aponta-se ultrapassar os limites do tempo. O terceiro ponto, “proporcionar uma visão ampla da realidade”, é detalhar a informação amplamente. A quarta característica, “exercer a cidadania”, sustenta que é responsabilidade do jornalista ter um compromisso com a sociedade. O quinto aspecto, “romper com as correntes do lead” busca por um estilo mais autêntico e inovador, a sexta “evitar os definidores primários” garante que as narrativas sejam mais nuançadas e completas. E a última, “perenidade” implica em adotar uma ética que valorize a precisão, contextualização e a investigação aprofundada.

2.1 NARRATIVA

Narrativa se refere a qualquer discurso que evoca elementos materiais, reais e espirituais, conectando-os a um determinado contexto ou ambiente. Situações atribuídas, por exemplo, a Bento Santiago, o bentinho, personagem que pertence ao universo da obra, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Ao longo da trama, Bentinho, interessado em “atar as pontas da sua vida”, narra suas lembranças que vão e voltam sem a “organização” padronizada do tempo cronológico.

É pelo olhar de Bentinho que a obra se desenrola. Ao longo da narrativa, acompanhamos o personagem unindo relatos da juventude até o momento atual de escrita, isto é, os seus 54 anos. Bentinho se gaba por ser advogado e possuir diversas propriedades e recursos materiais que garantem a ele uma vida tranquila, diferente do lado emocional, já que é uma pessoa solitária e um pouco amarga. Para Bosi (1999, p. 10), “Ele é ora abrangente, ora incisivo, ora cognitivo e, no limite definidor, ora é emotivo ou passional.”

Cremilda Medina, jornalista, professora e autora de diversos livros sobre jornalismo, reportagem e técnicas de entrevista, defende que contar histórias é indispensável para compreender e lidar com as complexidades da vida, permitindo que experiências e vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. Medina usa suas obras para provocar uma reflexão sobre a relevância da narrativa na formação de identidades e na luta pela justiça social. Na obra “A arte de tecer o Presente”, a escritora sustenta que a narrativa é uma forma de resposta humana para o caos:

Um dado incontestável que registro na trajetória das últimas décadas: a arte de narrar adicionou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma resposta humana diante do caos (Medina, 2003, p. 47).

Crônicas, poemas, novelas e romances, nos apresentam diferentes interpretações da narrativa textual. A narrativa, porém, não é uma regalia apenas da ficção. A narrativa humanizada, descritiva e delicada em livros-reportagens é representada através da fala de Cremilda Medina. Segundo Edvaldo Lima (2010, p. 48), “o jornalismo literário tem a seu favor, em todas as partes, a tradição natural de todos os povos gostarem de histórias.” O jornalista-escritor atua como artista através da escrita ao entrelaçar os fios do jornalismo e da literatura.

No âmbito do jornalismo literário no Brasil, destaco três importantes jornalistas contemporâneas: Daniela Arbex, Eliane Brum e Fabiana Moraes. Elas combinam excepcionalmente técnicas jornalísticas com uma narrativa envolvente e reflexiva, utilizando vozes únicas que criam uma forte conexão emocional com os leitores. Entre suas principais obras, estão “Holocausto Brasileiro” (Arbex, 2019a), “Todo Dia a Mesma Noite” (Arbex, 2019b), “Cova 312” (Arbex, 2019c), “Arrastados” (Arbex, 2022) e “Longe do Ninho” (Arbex, 2024); “O Olho da Rua” (Brum, 2017) e “A Vida que Ninguém Vê” (Brum, 2006); e “Os Sertões: um Livro-Reportagem” (Moraes, 2010) e “O Nascimento de Joyce” (Moraes, 2015). Também é relevante mencionar “Rota 66”, de Caco Barcellos (2003), que explora o cotidiano dos policiais, relatando suas vivências, obstáculos e conflitos morais. A obra também evidencia a violência urbana, as tensões entre a polícia e as comunidades, além das complexas relações sociais que permeiam esses ambientes.

2.2 FONTES

Nilson Lage (2001) explica que existem sete tipos de fontes jornalísticas: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhais e experts. As fontes primárias são as pessoas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria. Já as oficiais são as fontes mantidas pelo Estado, pelas associações e fundações. Fontes oficiosas são aquelas reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem à imprensa poderá ser desmentido posteriormente por uma fonte oficial. Utilizamos estas fontes com base em Lage (2001, p. 29) que entende que:

Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas, ou contextos ambientais. Os Experts, especialistas, são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos em que dominam o assunto e têm propriedade para discorrer sobre ele.

Na obra “Quem Faz A Feira: Um Passeio Por Histórias dos Comerciantes da Feira Central de Campina Grande” foram utilizadas fontes oficiais, secundárias, experts e fontes primárias.

2.3 ENTREVISTAS

Durante as entrevistas, houve uma breve preparação com algumas perguntas iniciais a fim de conhecer de maneira superficial as histórias de vida dos vendedores que encontramos. “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes” (Medina, 2008, p. 8). Além disso, Cremilda Medina, em “Entrevista: o diálogo possível”, defende que o objetivo da entrevista deve ser compreender profundamente o indivíduo, promovendo um espaço de diálogo autêntico. A proposta é criar uma conexão genuína que revele a complexidade da vida humana, em vez de reduzi-la a estereótipos ou sensacionalismos:

Perfil humanizado. Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para "condenar" a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida (Medina, 2008, p. 18).

A fim de criar uma proximidade inicial com as fontes, pois como afirma Thaís Oyama (2008), uma entrevista tem de ser uma conversa. E uma conversa, para começar, exige um mínimo de cordialidade, simpatia e palavras jogadas fora.

O repórter faz antes uma pesquisa e tem, portanto, idéia do que vai perguntar. No entanto, é engano imaginar que a preparação prévia de um questionário viabiliza uma boa entrevista: ela depende muito da maneira como é conduzida. Uma das chaves é saber perguntar sobre a resposta (Lage, 2001, p.35).

O processo de entrevista durou de março a setembro de 2024, todas as entrevistas para “Quem Faz A Feira: Um Passeio Por Histórias dos Comerciantes da Feira Central de Campina Grande”, foram realizadas de forma orgânica, conforme o autor destaca. O diálogo e saber perguntar foram cruciais para o sucesso das entrevistas.

As entrevistas com as fontes primárias aconteceram no local de trabalho dos personagens, na Feira Central de Campina Grande. Não houve um tempo específico de

duração para as entrevistas, dado que, no momento em que elas aconteceram, estávamos concentradas na realidade diária dos personagens. Desta forma, pudemos construir uma entrevista mais dinâmica.

Em profundidade - o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões (Lage, 2001, p. 33).

Lage (2001) classifica a entrevista do ponto de vista do objetivo, em quatro categorias, sendo uma delas em profundidade, aquela no qual o foco está na figura do entrevistado, na atividade que desenvolve ou na sua personalidade. Em “Quem Faz A Feira: Um Passeio Por Histórias dos Comerciantes da Feira Central de Campina Grande”, buscamos de fato nos aprofundar na história de vida dos personagens, interligando a narrativa da Feira Central, a partir do momento em que a vida dos comerciantes se cruza com a feira das feiras.

Inicialmente houve muita estranheza e timidez na realização das perguntas, que foram respondidas de forma vaga e monossilábica, o que gerou dificuldade em nosso trabalho no começo, para contornar a situação comentamos sobre assuntos corriqueiros como o clima, preço de produtos vendidos e preparativos para as festas de São João. Dessa forma, conseguimos mais proximidade com as fontes e o diálogo passou a acontecer naturalmente. Todas as conversas foram gravadas através do celular, com a permissão das fontes. Após finalizar a gravação das entrevistas, comentamos sobre os aspectos importantes para compreender a personalidade dos entrevistados e, a partir disso, construir uma narrativa que pudesse passar ao leitor não apenas informações superficiais, mas informações com traços profundos sobre os personagens apresentados.

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

O início do Ebook “Quem Faz A Feira: Um Passeio por Histórias dos Comerciantes da Feira Central de Campina Grande – PB” se deu em setembro de 2023, quando de fato decidimos a temática. O assunto foi escolhido por sabermos a imersão que a feira possui para a cidade de Campina Grande, então ir à feira ou ver apenas da janela do ônibus não era suficiente, queríamos conhecer a história daquelas pessoas. A princípio, o que nos chamou a atenção foi a rotina das pessoas e como era a vida delas além da feira, como chegaram ali, se

esse costume foi passado de geração em geração. O objetivo era descobrir essas histórias de quem está por trás da feira e de quem faz ela acontecer.

Inicialmente, entramos em contato com o administrador da Feira Central, Agnaldo Batista. A primeira visita ocorreu na tarde do dia 26 de março de 2024, ele nos recebeu e contou alguns projetos e histórias da feira e dos feirantes, dando dicas de quem poderíamos entrevistar. Mas optamos por explorar a feira e encontrarmos, nós mesmos, as fontes. Fizemos isso no mesmo dia, recebemos vários “nãos”, mas cinco pessoas toparam ser entrevistadas, são elas: Renata do setor de Queijos, Elizabeth e Bernadete da feira de flores, Penha das roupas e Júnior da goma de tapioca e coco. Conforme a disponibilidade dos convidados, marcamos a data de retorno com cada um. Pegamos o contato de Renata, mas a mesma nunca tinha disponibilidade, não conseguimos entrevistá-la.

Então, começamos a construir as perguntas e pensar na estrutura do Livro-Reportagem, criando um roteiro de produção. Queríamos ao menos oito perfis e incluir algum homem ou idoso, visto que grande parte das fontes eram mulheres. Além disso, ansiamos por encontrar feirantes que vêm de outra cidade para vender sua mercadoria em Campina Grande, principalmente os que têm sua própria colheita em casa de frutas e verduras, mas não obtivemos êxito.

Na tarde do dia 08 de abril de 2024, retornamos à feira, onde conversamos com Dona Elizabeth da feira de flores, uma senhora tagarela que fala o que pensa sem nenhuma timidez e que luta pelos seus direitos. No final da entrevista, ela nos presenteou com uma rosa-vermelha, insistimos em pagar, ela se recusou a aceitar, falando “há coisas que o dinheiro não pode comprar”. Agradecemos o ato de generosidade e fomos para a próxima fonte. Passamos pelo box de Penha e Bernadete, elas disseram estarem ocupadas e pediram para voltar outro dia. Continuamos andando pela feira, paramos em um box de tempero onde estava Fátima, falamos sobre o projeto e ela orientou falar com seu esposo, Wagner, que estava mais adiante, pois ele gostava de conversar e dar entrevista, assim fizemos. Wagner nos respondeu às perguntas no mesmo dia, com seu jeito brincalhão e especial que trata as pessoas na Feira Central (ver apêndice A).

Demoramos mais de um mês para retornar à feira, durante esse tempo transcrevemos o material que já tínhamos obtido. No dia 3 de maio de 2024, voltamos à feira, fomos de imediato ao box de Penha que vende roupas. Ela estava conversando com outra colega, Samantha, que também ajuda sua mãe a vender roupas. Insegura, Penha pediu para sua amiga responder primeiro, em seguida ela se tornou mais confiante para responder. Ambas as falas foram parecidas e vagas, não deu para o perfil delas entrar por falta de informação.

Desanimadas, seguimos procurando, encontramos Maria Lúcia, debulhando feijão-verde, uma senhora simples e humilde, que foi muito simpática e tímida conosco, respondia apenas o que perguntávamos, falou um pouco sobre sua história de luta, que todos os dias começa sua organização às oito horas da noite, dirige-se até a Ceasa para comprar mercadoria e logo depois às quatro da manhã está de pé pronta para um novo dia de trabalho na Feira Central. Ao final compramos 1 kg de feijão-verde para ajuda-lá, pois já estava no final da tarde, ela insistiu para levarmos sem pagar, mas recusamos, ela ainda comentou “na próxima vez não vão pagar nada”, infelizmente não conseguimos incluir seu perfil, pois não a encontramos mais na feira, para completar as informações que precisávamos. Nesse mesmo dia, ainda conseguimos conversar com Bernadete da Feira de flores, uma senhora rígida (ver apêndice B).

No dia 31 de maio de 2024, retornamos à feira para tentar contato com a mãe de Samantha, que vende roupas, e está há bastante tempo na Feira Central. A conversa com ela, assim como a da sua filha, também foi vaga e sem muitos detalhes e informações. Percebemos que muitos feirantes têm “medo” de falar até mesmo da sua vida. Passamos mais de um mês sem ir à feira, escrevendo o material que já tínhamos e tentando encontrar mais fontes. Nosso orientador passou o contato de uma ex-estudante do curso de Jornalismo, Daniella Régis, que mora na Feira Central. Ela nos ajudou, passando o contato de três feirantes: Paulo Renan, Sônia e Judite, que aceitaram colaborar e, em seguida, marcamos de nos encontrar.

Na manhã do dia 2 de julho de 2024, conversamos com Paulo Renan e seu Pai Darlan, que possui uma granja na Feira Central. Eles falaram da gratidão que sentem pela feira e das dificuldades encontradas diariamente. Em seguida, fomos ao encontro de Sônia, que vende bebidas, uma mulher calma e determinada (ver apêndice C).

Na manhã do dia 29 de julho de 2024, retornamos à feira e conversamos com o administrador Agnaldo Batista, que nos passou algumas informações sobre o local. Em seguida, fomos até o bar de Nenê, muito conhecido na feira, ela topou conversar conosco, mas estava em um dia muito agitado e pediu para voltarmos outro dia. Após isso, fomos até a loja de roupas de Dona Judite, uma senhora alegre, religiosa e especial, que passou mais de 1h e meia conversando conosco. Vale ressaltar que foi a entrevista mais longa.

A última entrevista foi realizada com Nenê, no dia 11 de setembro, ela contou toda sua trajetória até chegar na feira. Além disso, nesse mesmo dia, levamos o termo de autorização de fala e imagem para os entrevistados assinarem e buscamos informações que faltavam para completar seus perfis (ver apêndice D e anexo A).

No dia 07 de agosto de 2024, entramos em contato com o historiador Josemir Camilo pelo Instagram. O mesmo respondeu no dia 09, lamentou pela demora e se dispôs a responder às perguntas. Como sua agenda estava cheia, respondeu de forma online pelo WhatsApp, no dia 10 de agosto. Na tarde do dia 19 de agosto, conversamos com a jornalista e professora universitária, Giseli Sampaio, no Centro Cultural Lourdes Ramalho. Josemir e Giseli orientaram entrar em contato com a pesquisadora Giovanna Aquino, entrei em contato pelo WhatsApp e nos encontramos no dia 4 de setembro no Centro da Jovem (ver apêndice E).

Vale ressaltar que não conseguimos aproveitar todos os perfis, alguns por falta de informação devido à superficialidade das respostas ou pela pressa em responder quando se está muito ocupado com as vendas. Em outros casos, por não localizar mais o feirante. Exemplos de Maria Lúcia, Ivan, Renata, Penha e Samantha.

Por fim, aproveitamos seis perfis que contam as histórias de luta e gratidão das pessoas que preservam a Feira Central de Campina Grande. No total, foram em média 7 visitas à Feira Central, gastamos um total de R\$100,00, no período de março a setembro de 2024. Os equipamentos e aplicativos para a construção dos perfis e a diagramação do material pertencem exclusivamente às autoras. Todos os custos com deslocamento e alimentação foram arcados com recursos próprios (ver apêndice H).

3.1 TEXTO, ESCRITA E EDIÇÃO

Os textos escritos entre maio e setembro de 2024 têm entre 4 a 5 mil caracteres. Alguns textos foram mais dinâmicos que outros, uma vez que alguns personagens possuíam mais tempo de vida, mais histórias e uma maior habilidade em expressar seu relato de vida, o que nos permitiu criar uma mistura de perfis com mais informações e outros com menos (sem deixar faltar informação), para evitar uma leitura exaustiva.

As narrativas não seguem uma ordem cronológica, mas algumas histórias de vendedores se relacionam entre si. O objetivo é que o leitor tenha uma leitura contínua e sinta vontade de continuar lendo o próximo capítulo. Todas as falas dos personagens estão entre aspas.

3.2 FOTOGRAFIA

Não planejamos as imagens previamente, apenas registramos os feirantes ao lado de suas mercadorias, pois cada fotografia foi única e rica em informação. A proposta era

enfatizar a espontaneidade dos personagens em um contexto o mais próximo possível do cotidiano deles. A princípio, planejamos incluir a foto de cada feirante em seus perfis para facilitar a identificação, complementando o texto. Após cada entrevista, registramos a imagem, com o objetivo de alcançar um resultado final atraente. Todas as fotos foram produzidas com a câmera do celular, um iPhone 11, com exceção da fotografia que ilustra a capa, que foi produzida utilizando um Samsung A32.

3.3 FINALIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO

A obra “Quem Faz A Feira: Um Passeio por Histórias dos Comerciantes da Feira Central de Campina Grande – PB” foi planejada para o formato ebook, com a finalidade de tornar o projeto mais acessível ao público. Além disso, o formato ebook possibilita que um público mais jovem também conheça o que a Feira Central esconde de mais belo, dado ao fato que diversos feirantes citam que os jovens possuem certos receios e preconceitos com a região.

Todo o processo de diagramação foi realizado pelo programa Kindle Create⁷, gratuitamente. A fonte utilizada foi a Bookerly (serif), sendo o tamanho 20 para o título dos capítulos e o tamanho 12 para o texto corrido (ver apêndice E). A capa foi realizada por meio de um template disponibilizado no Canva, plataforma em que utilizamos apenas recursos gratuitos, chamado Pássaros na Árvore Suspense Capa para ebook, em que utilizamos uma foto feita por Letícia Costa para ilustrar.

A foto de capa (ver apêndice F) foi escolhida com o intuito de transmitir ao público a essência da atmosfera da Feira Central de Campina Grande. A imagem representa de forma autêntica o cotidiano desse espaço, barracas cheias de produtos, os comerciantes ocupados com suas vendas e os clientes circulando com sacolas em mãos, uma composição que destaca a riqueza que o espaço possui, além de captar a interação entre as pessoas.

A fonte utilizada no título foi a ITC New Baskerville tamanho 38, por transmitir ao leitor a sensação de leveza clássica e a Montserrat Classic tamanho 17 para o subtítulo, para o fundo do título, aplicou-se um degradê em tons de cinza a fim de reduzir a exposição da luz. O processo de diagramação levou cerca de uma tarde. Três testes foram realizados até chegar à versão final. Ao fim de cada teste, o arquivo em epub e KPF era enviado para o aplicativo

⁷ Cf. <https://www.amazon.com.br/Kindle-Creat/b?ie=UTF8&node=18765776011>.

do Kindle no celular para conferir os erros. Ao todo, o livro contém 49 páginas, incluindo elementos pré-textuais, como título, direitos autorais, citação e agradecimentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DIFICULDADES E APRENDIZADOS

No início da produção, tivemos bastante dificuldade com as fontes, levamos vários “nãos”, o que nos deixou bem desanimadas. Houve dias de irmos e não conseguirmos conversar com ninguém, havendo muitas “idas e vindas” sem respostas e histórias. Sentimos que muitas pessoas tinham receio de falar sobre a feira e ouvimos muito sobre a necessidade de melhorias e revitalização do espaço. Sentimos na pele o quanto é difícil o trabalho do jornalista independente/alternativo.

Apesar das dificuldades para encontrar os personagens, conseguimos seis, cada um com sua peculiaridade, história e alegria. Cada um foi crucial para a criação do livro-reportagem, além dos laços que criamos. No início, havia timidez nas conversas, as respostas eram monossílabas, então tentamos deixar a entrevista o mais confortável possível, em tom de conversa, para que pudesse haver um diálogo melhor, voltamos algumas vezes para visitá-los e outras para buscar informações que precisávamos.

Não seguir um roteiro foi intencional. Para deixar o entrevistado à vontade, mantivemos sempre o tom de conversa, já que não existiu um diálogo antes para “quebrar o gelo”. Ficamos apreensivas em alguns momentos no início das entrevistas onde só respondiam com “sim ou não”, mas aí reformulamos as perguntas e conseguimos mais detalhes da fonte.

Durante o processo, houve diversas dúvidas e inseguranças. Se estávamos retratando o que nos foi passado de forma humanizada, se estava muito vago ou se havia muita informação. Mas escrever sobre a Feira Central de Campina Grande é surreal, ela em si já é humanizada em acolher tanta gente que passa por ela diariamente.

A Feira Central de Campina Grande é muito mais do que um “ganha-pão”. Contém histórias, dificuldades, alegrias e no olhar de muitos conseguimos identificar o “silêncio falante” por muitos homens e mulheres que acordam de madrugada todo santo dia e vem de outra cidade, muita das vezes faça chuva, ou faça sol. Viver a feira é isso, não existe romantização, mas dificuldades encontradas diariamente por várias famílias que passam de geração para geração.

Por fim, esperamos que o Ebook “Quem faz a Feira: Um passeio por histórias dos comerciantes da Feira Central de Campina Grande – PB”, possa ser lida principalmente pelos

personagens que foram protagonistas desta produção, pois sem eles não teríamos conseguido. Ademais, esperamos que possa chegar ao maior número de pessoas possíveis, especialmente: feirantes, comerciantes, turistas, gestão pública e estudantes. Além disso, desejamos que a população campinense conheça um novo recorte das histórias que a feira guarda. Ansiamos que o formato digital auxilie na divulgação da obra, ampliando seu público. Deste modo, sonhamos em publicar a versão física de nosso trabalho, mas, infelizmente, a publicação no Brasil ainda é um desafio. Apesar das dificuldades, nosso sonho se mantém forte, pois acreditamos que a escrita é uma forma de eternizar ideias. Também cogitamos apresentar nossa produção em congressos, valorizando e promovendo a cultura local. Uma vez publicada, a obra ganha vida própria, deixando de ser nossa e passa a ser das pessoas que precisam dela.

REFERÊNCIAS

ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. Rio de Janeiro: Instríseca, 2019a.

ARBEX, D. **Todo Dia a Mesma Noite**: a história não contada da Boate Kiss. Rio de Janeiro: Instríseca, 2019b.

ARBEX, D. **Cova 312**: a longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil. Rio de Janeiro: Instríseca, 2019c.

ARBEX, D. **Arrastados**: os bastidores do rompimento da Barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. Rio de Janeiro: Instríseca, 2022.

ARBEX, D. **Longe do Ninho**: uma investigação do incêndio que deu fim ao sonho de dez jovens promessas do Flamengo de se tornarem ídolos no país do futebol. Rio de Janeiro: instríseca, 2024.

BARCELLOS, C. **Rota 66**: a história da polícia que mata. 26 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOSI, A. **Machado de Assis**: O enigma do Olhar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. 1 ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, E. **O Olho da Rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. 2 ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo, Ática, 2007.

COSTA, A. A. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6719>. Acesso em: 4 nov. 2024.

CUNHA, E. **Os Sertões**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FREIRE, D. D. A. M. L. **“A Feira é chão!”**: Práticas inventadas e sociabilidades na feira central de Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/10177>. Acesso em 4. nov. 2024.

KOTSCHO, R. **A prática de Reportagem**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. Barueri: Manole, 2008.

LIMA, E. **Jornalismo literário para iniciantes**. 1 ed. São Paulo: Clube de autores, 2010.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Editora Summus, 2003.

MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. 5 ed. São Paulo: Ática, 2008.

MORAES, F. **Os Sertões**: um livro-reportagem. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2010.

MORAES, F. **O Nascimento de Joyce**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e reportagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/3153>. Acesso em: 4 nov. 2024.

OYAMA, T. **A Arte de Entrevistar Bem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnicas de Reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 6 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

VEDANA, V. **“Fazer a Feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses na Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3731>. Acesso em 4 nov. 2024.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM DONA ELISABETH DAS FLORES

Figura 1 – Bastidores da entrevista com Dona Elisabeth das Flores.



Fonte: autoria de Letícia Costa (2024).

APÊNDICE B – REGISTROS DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE

Figura 2 – Registro do setor de vendas de feijão.



Fonte: autoria de Mariana Fernandes (2024).

Figura 3 – Registro do meio da Feira Central.



Fonte: autoria de Mariana Fernandes (2024)

APÊNDICE C – REGISTROS GRANJA FORTALEZA E DA BODEGA DE SÔNIA

Figura 4 – Registro da Granja Fortaleza.



Fonte: autoria de Mariana Fernandes (2024).

Figura 5 – Registro da Bodega de Sônia.



Fonte: autoria de Mariana Fernandes (2024).

APÊNDICE D – REGISTRO DO BAR DE DONA NENÊ

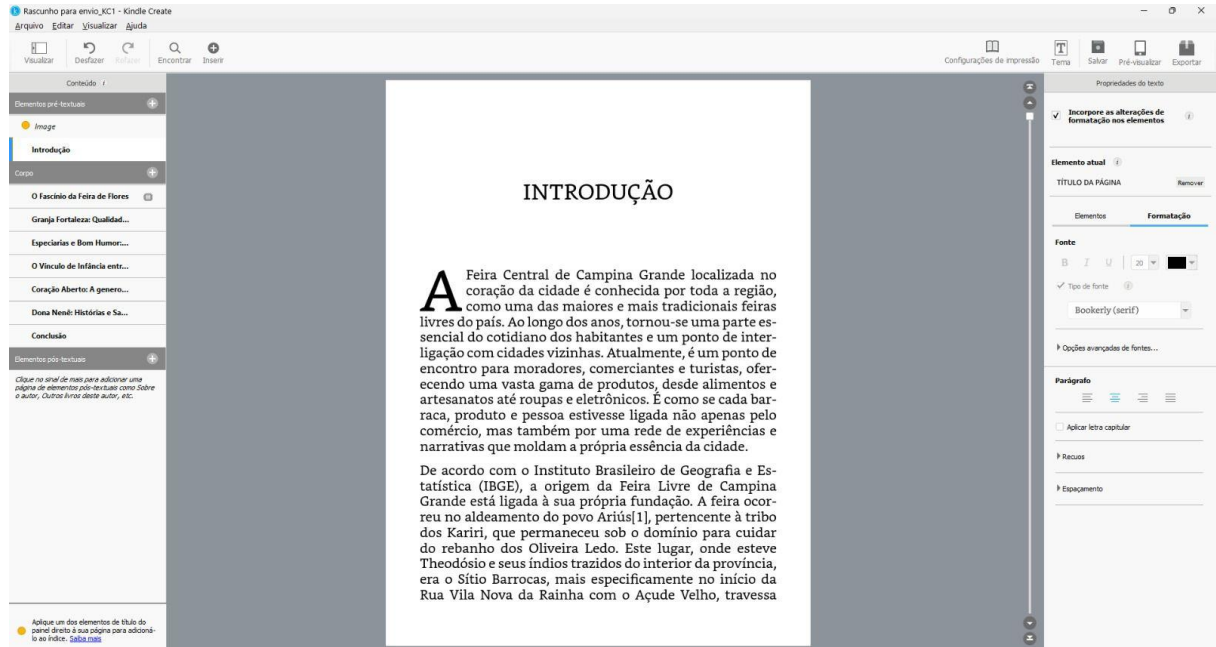
Figura 6 – Registro do Bar de Dona Nenê.



Fonte: autoria de Mariana Fernandes (2024).

APÊNDICE E – FONTE TIPOGRÁFICA

Figura 7 – Aplicação de fonte tipográfica.



Fonte: Letícia Costa e Mariana Fernandes (2024).

APÊNDICE F – CAPA DO LIVRO-REPORTAGEM

Figura 7 – Capa do Livro-Reportagem.



Fonte: autoria de Letícia Costa (2024).

APÊNDICE G – CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Quadro 1 – Cronograma de Execução do produto midiático⁸.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO					
MÊS	ESCOLHA DO TEMA	PRIMEIRA VISITA A FEIRA	ENTREVISTAS	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	ENTREGA DO PROJETO
SET-2023	X				
OUT-2023	X				
MAR-2024		X			
ABR-2024			X		
MAI-2024			X		
JUN-2024			X		
JUL-2024			X		
AGO-2024			X	X	
SET-2024			X	X	
OUT-2024				X	
NOV-2024					X

Fonte: Letícia Costa e Mariana Fernandes (2024).

⁸ O trabalho seguiu sob supervisão da orientadora professora Mestra Rackel Cardoso (setembro de 2023 a dezembro de 2023) e pelo professor Doutor Rostand de Albuquerque Melo durante todo o percurso da pesquisa (março de 2024 a novembro de 2024).

APÊNDICE H – ORÇAMENTO

Quadro 2 – Orçamento geral.

ORÇAMENTO					
EQUIPAMENTOS UTILIZADOS	PRÓPRIO	ALUGADO	COMPRADO	GRATUITOS	CUSTO
IPHONE 11 - FOTOGRAFIA	X	--	--	--	
SAMSUNG A32 - GRAVADOR	X	--			
APLICATIVOS - KINDLE CREATE, CANVA E POWERPOINT	--	--	--	X	
TRANSPORTE E ALIMENTAÇÃO	--	--	--	--	100,00
TOTAL:					R\$ 100,00

Fonte: Letícia Costa e Mariana Fernandes (2024).

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Figura 8 – Cópia do Termo de autorização de uso de imagem, nome, som e voz.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Termo de autorização
 Uso de imagem, nome, som e voz

Eu _____
 residente _____ na
 Rua _____, Bairro _____
 _____, Cidade _____, Esta
 do _____, inscrito no CPF sob nº _____ ou
 RG sob nº _____ AUTORIZO uso da minha imagem, na
 publicação do projeto de conclusão de curso das estudantes Letícia da Silva Costa
 e Mariana Fernandes da Silva, do curso de Jornalismo, da Universidade Estadual
 da Paraíba(UEPB) sob a coordenação do professor Rostand Melo

O projeto de conclusão de curso, tem o objetivo de passear pela história e cotidiano
 dos vendedores da feira central, mostrando como a manifestação cultural desta
 região da cidade permanece viva. A produção não possui fins lucrativos ou
 comerciais

AUTORIZO o uso da imagem, nome, som e voz, sem finalidade comercial
 concedida a título gratuito, de livre e espontânea vontade e por prazo
 indeterminado, em todo e qualquer material do projeto de conclusão de curso para
 fins de registro e divulgação para o público geral ou para o público interno da
 universidade

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem
 em todo território nacional e exterior. Deste modo, por esta ser a expressão de
 minha vontade, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso acima descrito
 sem que nada possa ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem,
 como cachê ou remuneração. Assino a presente autorização em duas vias de igual
 teor e forma.

Campina Grande, ____ de _____ de _____.

 (Assinatura)

Fonte: Letícia Costa e Mariana Fernandes (2024).